



Na Mídia

03/06/2022 | [Valor Econômico](#)

Fundo Baobá ganha reforço de US\$ 5 milhões

“Endowment” dedicado a programas de equidade racial recebeu recursos da filantropa Mackenzie Scott, que doou US\$ 17 milhões para 16 entidades brasileiras

Adriana Cotias



Sob nova direção, o fundo patrimonial Baobá busca alcançar um caixa de R\$ 250 milhões até 2026. Desde o início do ano, o “endowment” dedicado a programas de equidade racial é conduzido por Giovanni Harvey e acaba de confirmar um reforço de US\$ 5 milhões, em duas tranches, da filantropa Mackenzie Scott, que doou US\$ 17 milhões

para 16 entidades brasileiras - entre elas a Gerando Falcões, BrazilFoundation, Elas, Fundação Lemann e Redes da Maré.

Harvey é consultor de estratégia e foi secretário de políticas de promoção da igualdade racial da Presidência da República, entre 2013 e 2015. Ele já integrava o conselho deliberativo do Baobá, foi um dos responsáveis pela reformulação do plano estratégico para o período de 2017 a 2026, e assumiu no lugar de Selma Moreira, que deixou a função, após 7,5 anos, ao ser nomeada como vice-presidente de diversidade, equidade e inclusão do J.P. Morgan na América Latina.

Hoje, o banco americano é um dos parceiros, ao lado de nomes como Google, Citi, Metlife, BV, Accenture ou Demarest.

A própria sucessão, diz Harvey, trouxe mais visibilidade para o Baobá, que nasceu com o empurrão da Fundação Kellogg, e conseguiu reunir em uma década R\$ 62 milhões. Oficialmente, o fundo foi constituído em 2016 e não está estruturado conforme normas da Lei de Fundos Patrimoniais, que foi sancionada em 2019.

Quando a Kellogg reformulou sua atuação fora dos Estados Unidos, há cerca de 15 anos, criou um mecanismo para deixar um legado para alavancar a instituição filantrópica de investimento social privado que se tornaria o Baobá. O compromisso era que, a cada real captado, a fundação depositaria R\$ 3, e, para cada dólar, aportaria US\$ 2, até o limite de US\$ 25 milhões. Até aqui foram US\$ 12 milhões, ou seja, ainda há uma contrapartida de cerca de US\$ 13 milhões a ser conquistada.

“O princípio do Baobá é resgatar e dar visibilidade para a filantropia negra, quebrando o estereótipo de que é sempre demandante de recursos dos outros e não é capaz de gerar, acumular, multiplicar recursos e destiná-los a causas mais ligadas à questão racial”, diz Harvey.

Hoje, a entidade atua em todo o território brasileiro, mas com ênfase no Nordeste, com algumas linhas programáticas: o viver com dignidade, em que aborda o drama da alta letalidade de jovens negros; a educação, tema recorrente no debate nacional, além da atividade empresarial e fortalecimento no mercado assalariado. O objetivo é reverter os estereótipos negativos, combater o racismo estrutural.

Em setembro, o Baobá se tornou parceiro do Movimento pela Equidade Racial (Mover), que reúne associados de 47 empresas, como Mondelez, Coca-Cola, Gerdau, BRF, Ambev, Carrefour, UnitedHealth, XP e Heineken. Harvey diz que a meta é impactar 3 milhões de pessoas direta e indiretamente, na seleção de talentos para formação e treinamento para cargos de gerência. A mobilização de R\$ 30 milhões desse grupo vai ganhar a contrapartida da Kellogg.

Depois de atingir os R\$ 250 milhões, o gestor diz que a régua sobe para R\$ 450 milhões, R\$ 500 milhões, mesmo sem os aportes adicionais da entidade americana. “Nosso esforço de captação do endowment nunca vai ter fim. O papel da fundação foi colocar a cenoura para o coelho correr atrás, mas nossa capacidade de captação não pode ficar limitada ao ‘match’, o sentido foi nos dar a ferramenta para redesenhar a filantropia brasileira, principalmente a privada.”

Ele relata um aporte de capital das fundações Ford, OpenSociety e Ibirapitanga, que fez jus a uma contrapartida de US\$ 7 milhões da Kellogg, relacionado ao triste episódio da morte da vereadora e socióloga Marielle Franco. “O Baobá não vai constituir seu endowment patrimonial à custa de assassinato. Não fazemos captação de oportunidade na tragédia, mas isso exemplifica o grau de conscientização dos atores nacionais.”

Harvey acrescenta que nos últimos três anos, principalmente, tem percebido a sociedade civil mais engajada para as causas raciais e que o aumento do investimento social privado parece ser resultado disso.

Na sua trajetória, ele cita ter orgulho de ser uma das pessoas signatárias do projeto de Lei Complementar 150, que assegurou direitos trabalhistas aos empregados domésticos, em 2015, a única categoria que não contava com tal cobertura legal, um resquício do modelo de trabalho escravocrata doméstico. “Temos que resgatar o fio da história e não perder o engajamento social privado, além de articular visões de política pública, porque tem tarefas que competem ao Estado e que a filantropia privada não tem condições de dar conta.”

No conjunto, o Brasil tem 52 fundos patrimoniais, com um volume total de R\$ 78,8 bilhões, segundo a última edição do “Panorama dos Fundos Patrimoniais no Brasil”, elaborado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (Idis), publicado em março. Nessa conta entra um dos maiores do mundo, o da Fundação Bradesco, com R\$ 65,5 bilhões, representando 83% do total.

Após, a sanção da Lei 13.800/19, conhecida como Lei dos Fundos Patrimoniais, novos endowments surgiram, com 12 fundos já ativos e outros seis em fase de planejamento ou estruturação. No mapeamento, 31 fundos patrimoniais declararam contar com doações ao longo do tempo, com 27 fazendo captação ativa, enquanto os quatro demais contam com repasses de mantenedores.

